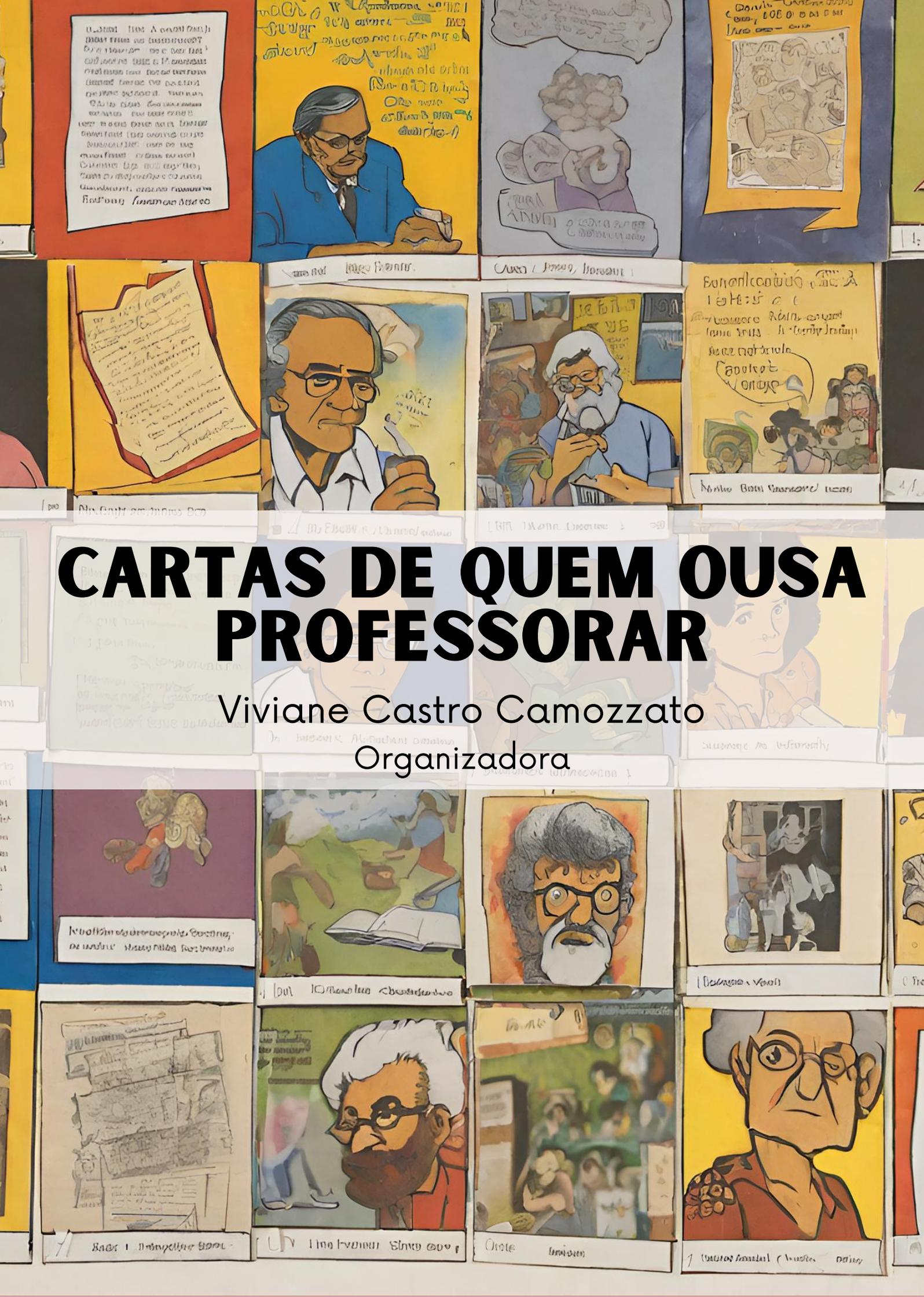
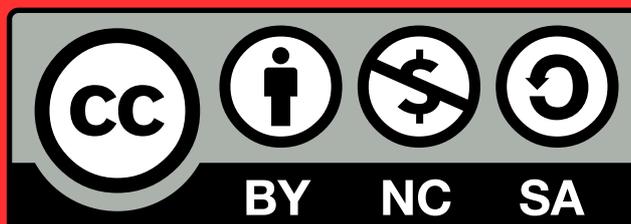


CARTAS DE QUEM OUSA PROFESSORAR

Viviane Castro Camozzato
Organizadora



Todos os direitos reservados.
© 1. ed. 2023 – Organizadora da Publicação e Uergs.



Creative Commons License
E-book – PDF

Diagramação, revisão e normatização
Viviane Castro Camozzato

A imagem da capa e todas as demais, disponíveis dentro deste livro-carta, foram produzidas via inteligência artificial, com o recurso disponível dentro da ferramenta Canva.

Coordenadora institucional do Programa de Residência Pedagógica na Uergs (2022-2024): Cristina Bertoni dos Santos

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

C322 Cartas de quem ousa professorar/ Organizadora: Viviane Castro Camozzato. – Bagé - RS: UERGS, 2023.

53 f.; il. E-book - pdf
ISBN 978-85-60231-55-3

1. Docência. 2. Paulo Freire. 3. Residência Pedagógica. I. Camozzato, Viviane Castro. II..
Título.

CDU 374

Bibliotecário Marcelo Bresolin – CRB 10/2136

Quanto mais aceitamos ser tias e tios, tanto mais a sociedade estranha que fazamos greve e exige que sejamos bem comportados. Tanto mais, pelo contrário, a sociedade reconhece a relevância de nosso que-fazer quanto mais nos dará apoio. É urgente que engrossemos as fileiras da luta pela escola pública neste país. Escola pública e popular, eficaz, democrática e alegre com suas professoras e professores bem pagos, bem formados e permanentemente formando-se. Com salários em distância nunca mais astronómica, como hoje, frente aos de presidentes e diretores de estatais.

Paulo Freire, em **Professora sim, tia não**

SUMÁRIO



08 Apresentação
Viviane Castro Camozzato

10 Educação-resistência
Ana Júlia Caneda da Rosa

12 Sentimento de inquietação
Roseli Mendes

15 Produzir marcas no mundo
Anne Suziele Rodrigues Carneiro

17 Docência, tempo e dedicação
Jéssica Acosta

SUMÁRIO



19 Uma jornada de aprendizagens
Suélen Daiane Kathamokya Da Silva

22 Pluralidade e educação
Brunna Lira Bueno Silva

24 A transformação pela educação
Renata Pires Porciuncula

26 Cultura e educação
Stela Soares

29 Encorajar a si e aos outros
Jaiane Rocha da Silva

SUMÁRIO



32 Relação aluno-professor
Laura da Silveira Silveira

34 Relações com os estudantes
Jordana Montanha Pedroso

36 Revelar ser gente
Kerulen Lima da Cunha

37 Comprometimento com o ensinar
Natalia Veiga Navarrina

39 Que tal pensar em estratégias?
Tainara Susara Fagundes Barcellos Pinto

SUMÁRIO



41 Uma pandemia no caminho
Aline Fernandes

43 É preciso ter confiança em si
Michele Leite

45 Eternos aprendizes
Vanessa de Deus

47 Autoras (bolsistas residentes)

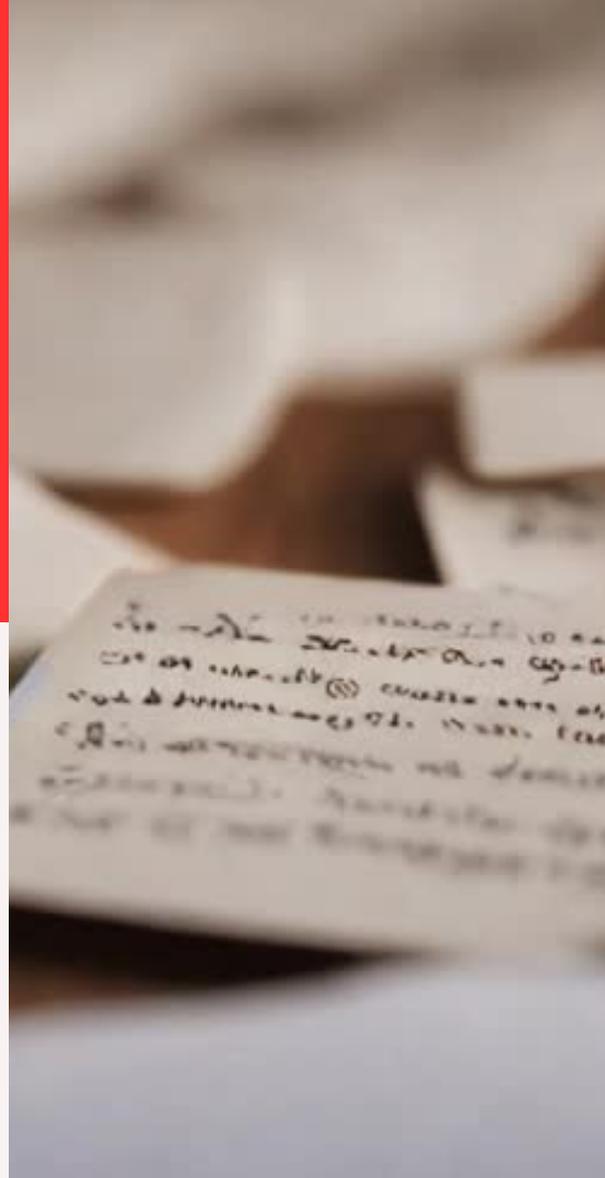
52 Autoras (preceptoras e docente orientadora)

APRESENTAÇÃO

Prezadas leitoras e leitores,

Começo esta apresentação com um convite a todos vocês para revisitarem suas trajetórias como professoras e professores, em busca de indícios das reverberações discursivas que produziram nossas identidades profissionais e subjetividades docentes. Digo isso porque compreendo que a análise de contextos, a elaboração de diagnósticos e o planejamento de estratégias para promover processos de ensino e aprendizagem são elementos indissociáveis do nosso ofício.

Questionar e problematizar constantemente situações é um aspecto crucial do ato de ensinar. Isso envolve a habilidade de suspender certezas preestabelecidas e questionar a busca por respostas absolutas. Essa abordagem requer um tipo de artesanato, no qual o ensino está intrinsecamente ligado a um contínuo estado de crítica, tanto em nível global como local. A partir disso, ao assumir a função de docente orientadora do Programa de Residência Pedagógica na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), na unidade universitária em Bagé, surgiu o seguinte questionamento: como iniciar com o grupo de quinze bolsistas residentes e três preceptoras, senão mediante a suspensão de alguns dos muitos discursos que constituem nossas identidades como professoras? Afinal, como constituir uma docência não pasteurizada, desprovida de



clichês, que não se apoie em manuais prescritivos e que não ceda às interpelações que nos subjagam?

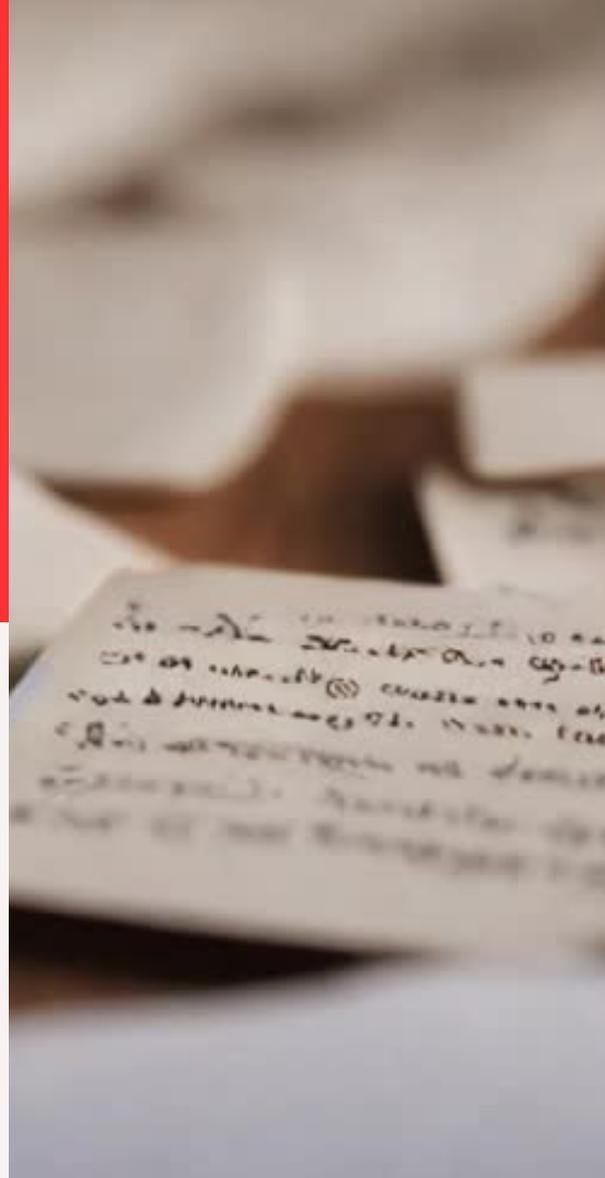
A resposta a essa pergunta reside na análise, na crítica, no diálogo e no debate. Além disso, é fundamental reconhecer a importância da autoria docente, pois nós, professoras e professores, temos muito a contribuir. Investimos tempo em estudo, compreendemos os processos de aprendizagem de nossos estudantes e desenvolvemos propostas pedagógicas que desalojam o instituído, posto que enfocam na relação dialógica entre ensinar e aprender, entre saber e fazer.

APRESENTAÇÃO

Foi pensando nisso que, ao iniciarmos o Programa de Residência Pedagógica, fizemos a ação que desencadeou na produção deste livro-carta. As bolsistas residentes e as preceptoras foram convidadas a ler a obra "Professora sim, tia não", de Paulo Freire. A partir dessa leitura, cada bolsista residente escreveu uma carta. A obra de Paulo Freire é composta por diversas cartas, abordando uma variedade de temas, todas centralizadas na crítica de várias concepções que circulam em relação às professoras, especialmente aquelas que as retratam como "tias".

Enfrentar essas e outras questões, inserindo elementos socioculturais, políticos, históricos e econômicos à formação docente, é imperativo para fortalecer nossa profissão. Afinal, somos parte integrante da sociedade e ela é constituída a partir de múltiplos embates em torno de saberes e poderes. No meio desse cenário, como professoras e professores, somos constantemente objeto de discussão, representação e narrativa por diversos segmentos sociais e atores que continuam a opinar sobre o que fazemos e o que deveríamos fazer.

Paulo Freire nos ajuda a desarmar as armadilhas que nos envolvem, que nos moldam e que diminuem nossa potência profissional. Compreender nossos processos de formação profissional e como eles se conectam com as dinâmicas sociais, incluindo as que nos associam à imagem de "tias", é vital para que, assim como a arte – que não fornece respostas, mas sim



questionamentos –, possamos enxergar a docência como uma contínua jornada de reinvenção e criação.

Uma ótima leitura!

Viviane Castro Camozzato

"O Programa de Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura."



EDUCAÇÃO-RESISTÊNCIA

Ana Júlia Caneda da Rosa

Carta para aqueles que me colocaram aqui,

Ao ler a terceira carta do livro “Professora sim, tia não”, de Paulo Freire, a qual carrega o seguinte título: “Vim fazer o curso do Magistério porque não tive outra possibilidade”, me deparei com uma crítica ácida, porém muito sensata.

Na carta, o autor critica a escolha equivocada de algumas alunas de cursos de Magistério que o qual já percorreu. Nestes cursos, as alunas deixam claro que escolheram o Magistério para “esperar o casamento” ou “porque não tiveram escolha”. Para ele, o curso do Magistério é algo sério e não mera espera. Afinal, um professor pode contribuir diretamente para o sucesso ou insucesso de seus alunos à curto e longo prazo.

De forma muito resumida, expus o que o autor explana no livro. Mas considero ácida esta crítica, pois atinge uma parte pessoal em mim e por isso resolvi direcionar esta carta à todos aqueles que me colocaram em um curso de Magistério, ainda que por obrigação.

Venho de uma família de professores, mesmo meus pais não sendo, meus primos, primas, tias e tios pertencem à área da educação. Logo, meus pais, na sua infinita vontade de “dar um futuro certo” para sua filha caçula, no caso, eu, matricularam-me no curso de Magistério da Escola Estadual de Educação Básica Professor Justino Costa Quintana.

Talvez por sorte do destino ou mera coincidência, logo me senti à vontade e vesti a camisa da educação, levando à sério cada aula, prática e estágio. Mas, e se não fosse assim? E se a tentativa dos meus pais de me darem um futuro desse errado? Seria eu mais uma menina apenas esperando o tempo passar e realmente fazer aquilo que gostaria?

Lendo a terceira carta, essas perguntas surgiram na minha cabeça, me levando a pensar que todo mundo deveria saber, ao menos, um pouquinho da enorme responsabilidade que é entrar em uma sala de aula e influenciar a vida dos alunos. Afinal, não é somente dar aula.



EDUCAÇÃO-RESISTÊNCIA



Ser professor no Brasil é ser resistência, e não digo isso por causa de lado A ou B, partido C ou D, mas sim porque, independente de quem governa o país, ninguém quer o povo realmente crítico, consciente de suas responsabilidades sociais e com um pensamento autônomo, sem ser alienado por discursos vazios.

Ser professor no Brasil é ir contra uma maré de pessoas que pensam que sabem como é realmente a intimidade do professor dentro da sua sala de aula. É lutar por salário decente. É, inúmeras vezes, bancar o material mínimo de suas aulas, é explicar milhares de vezes que somos fundamentais para todas as profissões e que, por isso, merecemos ser valorizados.

Por isso eu digo: o risco de simplesmente “escolher o magistério porque não tinha opção” é enorme. Todas as profissões tem profissionais pouco capacitados. Isso é fato. Mas no magistério, temos professores execrados porque os mesmos “não tiveram opção” e, já que não tinham, resolveram ficar neutros dentro da área e não entender a real profundidade da profissão escolhida e os impactos gerados na vida de terceiros.

A educação é política, é luta de classe, é resistência, é chover no molhado, é lutar pelo mínimo. E quem não está disposto a viver isso, realmente não pode permanecer na área, fazer o mínimo e achar que está bom, porque não está.

É preciso sempre ter em mente, quando escolhemos o magistério, o quão sério é o compromisso de um professor com a educação. Devido a isso, não se deve obrigar alguém a entrar em um curso para “esperar casamento” ou “porque não teve escolha”. O resultado disso a gente vê dentro das salas de aula todos os dias.

Mas ainda me considero 1 em 1 milhão. E ainda bem.

Obrigada a todos que me colocaram aqui, porque eu não sei fazer mais nada a não ser ser professora.



SENTIMENTO DE INQUIETAÇÃO

Roseli Mendes

Queridas colegas do curso de Licenciatura em Pedagogia Aline, Jéssica e Natália

Depois de ler a “Segunda Carta: não deixe que o medo paralise você”, da obra “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar” (FREIRE, 1997), fiz uma reflexão sobre a nossa trajetória na faculdade. Pensei nos desafios e obstáculos que enfrentamos durante o período em que estamos estudando. Então decidi escrever uma carta baseada na escrita de Paulo Freire com o intuito de ajudá-las a vencerem as dificuldades, os problemas, as inquietações e o medo.

Acredito que o melhor ponto para iniciar é refletindo sobre o “medo”. O Dicionário Aurélio define que é um “sentimento de inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário”. Então, o que dizer do medo do difícil, de como enfrentar as adversidades, as angústias que nos anseiam e que muitas vezes nos tiram o sono?

O medo em si é algo concreto. Sempre haverá uma relação entre o medo e a dificuldade. Mas, evidentemente, nessa relação, também se encontra a figura do indivíduo que tem medo da dificuldade ou do difícil.

Outro forte elemento componente do medo é o sentimento de insegurança da pessoa temerosa. Insegurança para enfrentar os empecilhos, seja por falta de força física, de equilíbrio psicológico ou emocional, carência de conhecimento científico, imaginário ou real, do indivíduo.

É um desafio enfrentar alguma coisa difícil ou lidar com uma situação que nos tire a tranquilidade e a paz, mas temos que ter a consciência que sempre teremos que achar uma fórmula, uma maneira para enfrentar os obstáculos e os desafios que surgirem durante a nossa jornada.

A questão é que sentir medo é algo natural. Entretanto, não podemos permitir que ele nos paralise, que nos faça desistir facilmente de enfrentar a situação desafiadora sem esforço e sem luta.



SENTIMENTO DE INQUIETAÇÃO



Diante disso, seja do que for o medo, é necessário certificar a sua objetividade, incluindo as causas que o provocam. Depois de verificar a razão de sua existência, teremos que compará-las com as probabilidades que dispomos para encará-las com possibilidade de sucesso. Sabemos que enfrentando os problemas nos tornamos mais capazes de não precisar enfrentá-los no futuro.

Agora, gostaria de fazer uma breve reflexão sobre as dificuldades de compreensão de textos. Quando somos estudantes, para o processo de conhecimento de nossa formação, precisamos ler muitos textos que nos ajudam a adquirir sabedoria e aprendizagens. De vez em quando nos deparamos com textos complexos, encontrando algumas dificuldades para entendê-lo. Muitas vezes, é necessário ler mais de uma vez para tentar compreender o que o texto quer dizer. A respeito disso, não é feio dizer que não conseguiu entender um texto, que achou difícil, que foi preciso ler e reler várias vezes para compreender alguma coisa. Isso é normal, pois as pessoas são diferentes e cada uma tem um jeito de ser. Um consegue pegar as coisas com mais facilidade e outras não. Isso é natural do ser humano. Não é feio, assim como também não é motivo para se envergonhar.

Portanto, se a dificuldade de compreensão do texto vai além, ou seja, após ler e reler continua com problemas para entender, será preciso pedir ajuda de alguém e não somente do educador que indicou a leitura. É necessário tentar superar algumas limitações que tornaram a tarefa difícil. Uma boa sugestão é ler um texto antes sobre o mesmo assunto, pois às vezes a compreensão de um texto exige a familiaridade com outro que nos prepara para o próximo. Outra dica importante é prestar atenção no que está lendo. Não adianta se, no momento de ler, o pensamento estiver em outro lugar. Isso dificulta o entendimento e a compreensão da leitura.

Destaco que diante dos desafios da tarefa ou da leitura, sejamos insistentes e perseverantes, pois a escrita tem relação com a leitura, não é possível escrever sem ler ou vice-versa.



SENTIMENTO DE INQUIETAÇÃO



Estudar não é uma tarefa fácil, pois é um processo árduo que exige muita disciplina e dedicação. Vários sentimentos se afloram. Um misto de dor, prazer, sensação de fracasso, de vitória, de incertezas e de satisfação. Mas estudar é gratificante. Os conhecimentos que adquirimos ninguém pode tirá-los. Porém, ele não é posto e nem dado a nós. Por isso é necessário força de vontade, persistência e dedicação.

Apesar de todas as dificuldades, os frutos são colhidos no final. É emocionante olhar para trás depois de tantas lutas e perceber que venceu, que superou todos os obstáculos. É uma sensação de alegria, de vitória e de dever cumprido. Além disso, a pessoa que possui uma formação têm mais chances de adquirir um emprego melhor e, conseqüentemente, isso ajudará a melhorar tanto a sua vida social quanto a de sua família.

Já em relação à nossa vida profissional, desejo que sejamos professoras que estimulem a criatividade dos estudantes, proporcionando que, ao lerem um texto, possam recriá-lo e reescrevê-lo, pois estaremos contribuindo para uma aprendizagem relevante e significativa. E que cada vez mais possamos experimentar criticamente a tarefa de ler e escrever, percebendo que através das questões sociais se constitui e se reconstitui a comunicação, a linguagem e a construção de conhecimento.

Por fim, vou finalizar salientando que por mais obstáculos e desafios que surgirem durante a nossa caminhada acadêmica, sejamos perseverantes e insistentes, que não permitamos que o medo, a insegurança e o receio nos façam desistir dos nossos objetivos. Afinal, o medo é algo natural que, em algum momento, vai surgir. Porém, temos que ter consciência que não podemos deixar que ele nos atrapalhe a ponto de deixarmos de fazer alguma coisa por causa dele. Portanto, devemos criar estratégias que nos ajudem a superar e vencer as dificuldades, as barreiras e o sentimento do "medo".



PRODUZIR MARCAS NO MUNDO

Anne Suziele Rodrigues Carneiro

Escrevo esta carta inundada pelas palavras de Paulo Freire, aos meus futuros colegas de profissão,

Quando me recordo do desejo de ser professora, que vem da infância, percebo que em nenhum momento senti a imensa responsabilidade desta escolha. Ensinar pessoas parecia tão fácil em uma sala de aula ao ar livre, com um mini quadro verde pendurado em uma árvore e os primos de alunos. Passávamos as tardes brincando, e a posição mais disputada era do professor(a), pois todos queriam seu momento de poder. Ser professora era ter o poder. Todos deviam obediência, pediam permissão para falar e para levantar. Silêncio, atenção, copie tudo, está errado, refaça, vou apagar, acabou a aula, ufa! O tempo passou e a brincadeira virou realidade. Quase concluindo a graduação está chegando o meu momento e, por isso, quero compartilhar com vocês meus medos.

Acredito que cada um teve seu tempo na educação. Eu vivi um tempo de muita disciplina e castração. Enquanto lia a décima carta de Paulo Freire, revivi muitas lembranças da minha vida escolar. Durante uma disciplina da graduação me deparei com a seguinte frase: "Um produtor de marcas no mundo". Ela ecoou por dias em minha mente. De repente ser professora se tornou o maior dos desafios, onde deixamos marcas que vão acompanhar ao longo da vida outras pessoas. Tenso. Desde então, esse medo me acompanha de uma forma positiva. Pensar em que marcas eu quero deixar nos meus futuros alunos, me motiva a me dedicar ainda mais na minha formação.

Paulo Freire traz em sua quinta carta, intitulada "O primeiro dia de aula", que este é o momento mais esperado (e com certeza, depois da conclusão da graduação, isso fará todo o sentido). Será primeiro a alegria e euforia de ter conseguido, que subitamente irá se transformar em uma misto de incertezas e medos. Uma dica: vivam a graduação, se dispam de todos seus pré-conceitos e achismos, deixem o novo chegar, abram seus corpos para os medos e os ressignifiquem. Se tornem profissionais e nunca esqueçam que isso fará a diferença quando os medos surgirem.





PRODUZIR MARCAS NO MUNDO

Sinto-me feliz ao ler um livro de Paulo Freire e compreender suas palavras. Mais ainda em perceber que minha formação foi toda voltada para esse olhar respeitoso, disciplinar, sentimental, instigador e crítico. Sinto-me preparada.

Talvez minhas palavras soem nostálgicas, mas já estando próxima de encerrar um ciclo, o espírito saudoso já começa a surgir. O desejo e as ações são para que todos os dias dessa jornada pedagógica sejam primeiros dias, dias de descobertas, de conhecer o outro, de euforia, de alegria, de novos saberes, de trocas, de vivências e de sonhos. E que cada colega que se aventure nessa profissão, viva um espetacular primeiro dia de aula.



DOCÊNCIA, TEMPO E DEDICAÇÃO

Jéssica Acosta

Caros futuros colegas do primeiro semestre,

Após fazer a leitura da obra "Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar" (FREIRE,1997), fiz uma breve reflexão sobre minha trajetória dentro da área da educação. Mais especificamente, desde o curso normal até aqui, com algumas práticas já realizadas em sala de aula. Trajetória esta que, apesar de curta, já me trouxe uma pequena experiência. Lembrando desse período, gostaria de dedicar uma breve escrita direcionada aos meus colegas que iniciarão sua carreira com a entrada em 2023 no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade de Bagé.

Caros futuros colegas, ao ler a quarta carta, intitulada "Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas", da obra de Freire (2007), senti a forte necessidade de compartilhar com todos alguns dos sentimentos que eu considero que sempre serão de grande valia para nós, futuros pedagogos. Penso que a melhor maneira para iniciar minha escrita é dizendo que é de suma importância que todos reflitam muito sobre a sua escolha profissional, porque ser professor vai muito além do amor por ensinar. A docência sempre será um exercício que vai nos exigir tempo e dedicação máximos. E, embora cada um de nós tenhamos nossas características próprias, seguir essa carreira irá nos mostrar como é possível levar os valores humanos para as salas de aula.

Ensinar é uma relação de troca. Mesmo que atualmente a qualificação profissional seja importante, nós, como profissionais, temos que ter um perfil que sirva como aliado de todas nossas qualidades, fazendo com que as mesmas sejam cada vez mais trabalhadas e aperfeiçoadas. O equilíbrio deverá existir mutuamente, em conjunto do entusiasmo e da entrega para que, assim, os alunos sintam que estamos ali não apenas por obrigação, mas também pelo querer estar. Isso contará muitos pontos para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça facilmente.



DOCÊNCIA, TEMPO E DEDICAÇÃO



Em cada sala que passarmos veremos que existirão muitas individualidades, porque cada criança tem seu tempo e, com isso, teremos que aprender a entender e respeitar cada uma das particularidades de cada criança.

O professor traz consigo funções fundamentais até mesmo fora do ambiente escolar, pois todo ensinamento pode se transformar e, com isso, causar um impacto tanto positivo quanto negativo dentro da sociedade. E assim, o professor deve se mostrar flexível para que a aprendizagem se torne efetiva. Precisaremos sempre inovar para que possamos despertar o interesse nos alunos a fim de que eles possam absorver sempre o máximo. Então, vamos nos reinventar. Vamos estar abertos para o novo e para buscar nos inspirar nas ideias como fonte de toda e qualquer solução necessária para o melhor aos nossos alunos.

Colegas, busquem ter iniciativa, corram atrás dos resultados, percebam as dificuldades dos seus alunos e encontrem formas de ajudar cada um. Façam a diferença no desempenho de cada um deles. Tenham empatia e trabalhem em conjunto não só com os alunos mas, também, com os pais e toda equipe escolar. Que todos nós, futuros professores, possamos ter a coragem e a confiança em nós, incluindo o respeito e, acima de tudo, a humildade.

E, para concluir, caros colegas, não permitam que o ato de ensinar perca seu verdadeiro significado. Sejam corajosos e evitem ficar paralisados. Pratiquem a pedagogia de forma democrática. Tenham certeza e confiança nas razões que os levaram a escolher essa carreira e exerçam-na com determinação e competência.



UMA JORNADA DE APRENDIZAGENS

Suélen Daiane Kathamokya Da Silva

Carta para todos aqueles que estão entrando na faculdade,

"Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar" de Paulo Freire (1997), trouxe alguns clarões que fortalecem e nos dimensionam para um olhar mais aberto e compreensível com nossos medos.

Confesso que o título do livro me deixou um pouco intrigada à primeira vista. Pensar que ao me tornar professora devo me impor contra a delicadeza de ser chamada de tia parecia algo um pouco rude para alguém que se forma para lidar, na maioria das vezes, com crianças. No entanto, à medida que mergulhei na leitura, gradualmente me senti imersa em uma conversa que, apesar de envolver política, me ajudou a compreender de forma mais lógica o motivo do título "Professora sim, tia não."

Mesmo que, muitas vezes, seja desafiador distinguir a razão e a emoção, é crucial que tenhamos consciência da importância de nossa responsabilidade em uma sala de aula, especialmente com crianças que precisam sentir-se seguras. Isso é fundamental para que, aos poucos, elas conquistem a confiança em si mesmas e percebam todo o potencial que possuem.

Lembro-me de quando, durante o meu segundo estágio, minha orientadora me aconselhou a evitar o uso do termo "tia" em minhas conversas com os alunos. Inicialmente, não compreendi totalmente a razão para isso e cheguei a pensar: "Que mal tem nisso?". Hoje, chego à conclusão que é justamente para dar voz aos direitos de todos quando necessário, sem desfragmentar a parte humana da ética, dos direitos e deveres, nos permitindo ser valorizados como sujeitos e como profissionais conscientes do nosso papel.

Embora tenha hesitado entre duas cartas, a segunda, intitulada "Não deixe que o medo do difícil paralise você" (p. 27), ressoou de forma profunda comigo. Foi como se algumas daquelas palavras estivessem falando não só comigo, mas para mim. Enfrentar meu medo precoce diante das situações, tarefas ou até mesmo oportunidades, na maioria das vezes desencadeia uma ansiedade e pânico antes mesmo de entender a situação. E como



UMA JORNADA DE APRENDIZAGENS



autor se propôs a refletir mais especificamente sobre a compreensão do texto (pelo que entendi no geral), cada parte se encaixou como se estivesse montando um grande quebra-cabeça. Às vezes, ao receber um texto, minha primeira reação era de desânimo, misturada com uma sensação de fracasso, mesmo antes de ler as primeiras palavras, pois pareciam difíceis de compreender.

Sempre tive facilidade para escrever desde a adolescência, pelo que me lembro, e a leitura também não era um problema para mim, até começar a me deparar com textos que exigiam um pouco mais de atenção. Ter que ler um texto 2, 3 ou 4 vezes para compreendê-lo me deixava frustrada e me fazia sentir incapaz. Tenho o compromisso de fazer um bom trabalho, não deixo minhas tarefas inacabadas, me esforço ao máximo para concluí-las da melhor maneira possível, mesmo que, em muitas ocasiões, tenha pensado em desistir, achando que talvez isso não fosse para mim.

Porém, as palavras desta carta deixam claro que não devo desistir quando me deparo com textos difíceis de entender: “não devo, nem posso permitir que meu medo de não entender me imobilize e, considerando minha tarefa impossível de ser realizada, simplesmente a abandone” (p. 28).

Percebi que é mais do que hora de aprofundar minha prática e ganhar experiência em sala de aula. Mesmo considerando ter feito um ótimo trabalho nos estágios 1 e 2, ainda sinto medo e insegurança, e sei que enfrentar esses sentimentos é fundamental. Estamos todos em um contínuo processo de aprendizado, e não há nada de errado em admitir que não entendemos algo e pedir ajuda. Erros são parte integrante de nossa jornada de aprendizado, pois nos permitem evoluir e compreender o verdadeiro significado do comprometimento.

Portanto, dedico esta carta a todos que estão iniciando a faculdade, retornando aos estudos ou embarcando em uma nova fase de suas vidas, e que podem duvidar de suas capacidades. Lembrem-se, não somos máquinas, mas somos capazes de evoluir constantemente. Tudo o que é conquistado exige esforço, e é essa dedicação que valoriza nossos



UMA JORNADA DE APRENDIZAGENS



resultados e nos torna resilientes, capazes de superar desafios e fazer um excelente trabalho. Aceitar críticas é parte do processo, assim como aprender a andar. Cair faz parte da jornada, mas o importante é levantar, aprender e seguir em frente com mais experiência. Despeço-me desejando a todos os leitores desta carta que enfrentem seus medos, evoluam e se orgulhem a cada etapa de sua jornada.



PLURALIDADE E EDUCAÇÃO

Brunna Lira Bueno Silva

Carta para docentes e alunos das nossas escolas,

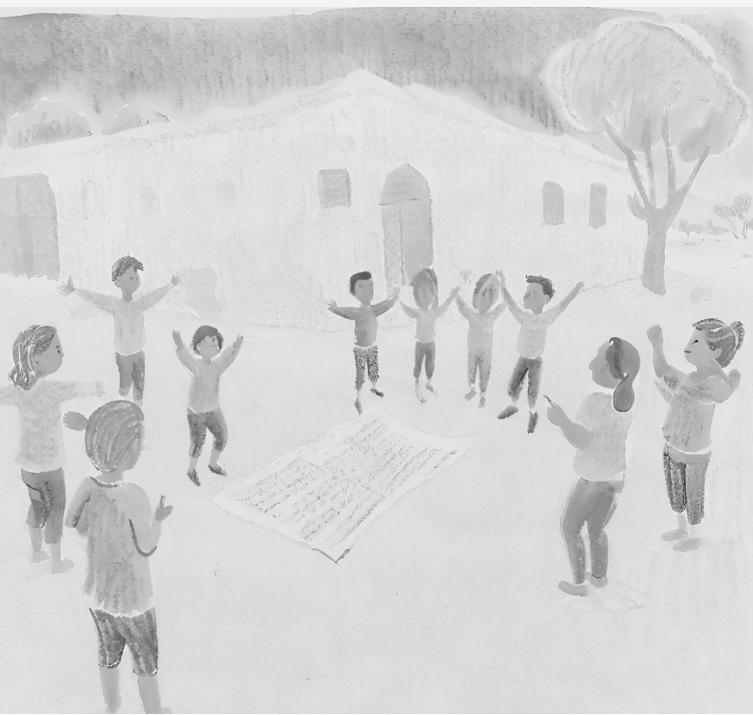
Paulo Freire, em seu livro "Cartas a quem quer ensinar", aborda um compilado de assuntos importantes para o fazer docente, muitos dos quais permanecem relevantes ao longo do tempo, continuando a ser debates cruciais para todos os professores. Esta obra foi publicada em 1997, quando eu tinha apenas 3 anos, e jamais poderia imaginar que um dia meus caminhos se cruzariam com as ideias de Freire.

Dentre os variados temas tratados no livro, escolhi me aprofundar na leitura da "Oitava Carta – Identidade cultural e educação." Esse assunto sempre me inquietou desde o início da minha graduação e, além disso, serve como base para minha pesquisa de conclusão de curso.

No começo, a pedagogia não me encantava, e o ato de ensinar era algo que me apavorava. Contudo, à medida que o curso avançava, meus temores foram substituídos pelo desejo de compreender as necessidades dos meus alunos e me renovar a cada nova turma. Isso me permitiu adotar uma abordagem humanizada, possibilitando uma troca enriquecedora de experiências com eles.

Ao ler a oitava carta, percebi o quanto minha conexão com o ensinar se consolidou a partir da compreensão da diversidade cultural na qual estamos inseridos. A importância de permitir que diferentes culturas ocupem o mesmo espaço, com respeito e compreensão mútua, tornou-se evidente. Isso também me levou a refletir sobre a complexidade do conceito de "identidade". Apesar de ouvirmos inúmeras discussões sobre o tema e vermos diversas facetas sendo reveladas diariamente, será que compreendemos verdadeiramente sua totalidade? Confesso que minha esperança é aprofundar meu conhecimento nesse campo em constante expansão.

Outro aspecto da carta que me chama a atenção é a questão do ensino. Embora tenhamos avançado, ainda observamos com frequência a prática mecanicista no ato de ensinar. Nesse cenário, os conteúdos frequentemente recebem mais importância do que a experiência dos alunos.



PLURALIDADE E EDUCAÇÃO



Os professores ainda se veem como detentores do conhecimento e não buscam compartilhar a docência com aqueles que estão ávidos para aprender.

Um diálogo apresentado na carta ilustra o que frequentemente acontece nas salas de aula. Quando um aluno tenta explicar sua própria abordagem para a resolução de um problema, por exemplo, e essa abordagem difere daquela esperada pelo professor. Muitas vezes o professor acaba não validando esse saber, pois é divergente da forma que ele próprio ensinou. Na carta de Freire (1997), ele expressa o que segue:

“Quantos metros de linha você costuma soltar para empinar o papagaio?”, perguntou Sebastiani.

“Mais ou menos cinqüenta metros”, disse um menino chamado Gelson.

“Como você calcula para saber que solta mais ou menos cinqüenta metros de linha?”, indaga Sebastiani,

“A cada tanto, de dois metros mais ou menos, disse o garoto, faço um nó na linha. Quando a linha vem correndo na minha mão, vou contando os nós e aí sei quantos metros tenho de linha solta”.

Isso nos mostra a importância de uma escola verdadeiramente democrática, na qual todos tenham voz e sejam genuinamente valorizados. Em um ambiente assim, o conhecimento é apreciado, independentemente de sua fonte. A aula pode ser conduzida tanto pelo professor como pelos alunos, pelos eventos que ocorrem na escola. Além disso, é fundamental que todas as formas de aprendizado e ensino sejam reconhecidas e apreciadas.



A TRANSFORMAÇÃO PELA EDUCAÇÃO

Renata Pires Porciuncula

Dedico esta carta a todos e todas que acreditam no poder transformador da educação,

E especialmente às professoras da UERGS Bagé, por nos mostrarem que é possível oferecer uma educação pública de qualidade.

Estamos nos primeiros dias de 2023. É verão, e aqui nos pampas faz muito calor. O tempo está seco, e a chuva é escassa. Estamos no período de férias, e é nesse cenário que eu me debruço, não com um livro físico como gostaria, mas com meus olhos fixos na tela do computador. Minha primeira tarefa, designada pela Professora Viviane Camozzato, é a leitura de "Professora sim, tia não", do mestre Paulo Freire. Esse livro, de forma habilidosa, leve e provocadora, nos conduz a uma profunda reflexão acerca do real sentido e valor dos professores. Após ler apenas duas ou três

páginas, me vi agarrada por essa leitura, percebendo-a como um grande presente.

Aprofundando minha leitura na primeira carta, "Ensinar-aprender: leitura do mundo – leitura da palavra", me identifiquei e decidi escrever esta carta.

O ponto de partida, o princípio, aquilo que motiva o professor, é ensinar e aprender. Compreendo que, enquanto ensino, também estou aprendendo, o que me faz acreditar que esse movimento é como uma via de mão dupla. Aprender é ensinar, e ensinar é aprender. Aprendo porque há aí uma troca professor-aluno-aluno-professor, pois ser ensinante é também saber ser aprendente.

Nesse contexto, surge a pergunta: o que os alunos sabem? Como sabem? De onde vem esse conhecimento? Tendo isso em vista, lanço mão de algumas ferramentas, tais como: observação e escuta atenta, e reflexão sobre o objeto de estudo.

Compreendo que a educação não é unidirecional e que a alfabetização vai além de ensinar a codificar e decodificar.

A leitura e a escrita precisam estar impregnadas de sentido, ou seja, devem ter significado para os estudantes. De que adiantam cópias fiéis, além de demonstrar domínio do código escrito, se escrever sem pensar é apenas automatizar e mecanizar o pensamento? Afinal, o domínio da leitura e da escrita sem a expressão do pensamento e a impressão dos saberes de cada um é



A TRANSFORMAÇÃO PELA EDUCAÇÃO



vazio. O ato de escrever não é puramente mecânico; ele é impregnado de experiências, de sentido, de marcas pessoais. Tudo o que vivemos se torna parte de nós e não é esquecido. Isso nos leva a pensar em ambientes que promovam experiências reais, em possibilidades de criação e recriação, assim como em tudo que a educação pode querer fazer, tendo a palavra mover como foco central.

Ler o mundo, saber pertencer a ele e tecer suas opiniões. Dar seu parecer, dar voz e vez às suas falas. Instigar o pensamento. Movimentações vitais a cada professor que é, ao mesmo tempo, caminhante e condutor para um futuro que está logo ali à frente. Não precisamos mais da transferência unidirecional de conhecimento, pois ninguém é detentor de todos os saberes, e se assim fosse, que triste realidade seria a nossa, condenados a um único conhecimento.

A compreensão da incompletude nos move na busca de novos saberes, novas descobertas. A troca nos humaniza e potencializa como grupo social que somos. Ser incompleto nos impulsiona a buscar a completude, e quando a alcançamos, percebemos que ainda há muito a aprender. A busca é constante e gratificante.

Eu não sou mais a mesma de quando comecei esse caminho ou a leitura deste livro. Posso ver o caminho percorrido, as marcas deixadas em mim ao longo da trajetória, os desafios ultrapassados e aqueles que me ensinaram mesmo sem serem vencidos, visto que contribuíram de alguma forma para a minha formação enquanto profissional e ser humano.

Marcas não são apenas bonitas; elas representam mudança. Mudar implica se mover em direção a algo. A falta de movimento nos condena a ficarmos parados. A decisão sempre será nossa: mover-se, buscar ou ficar onde estamos. Portanto, o desejo, o movimento e o atrevimento em arriscar sempre me acompanharão. Não entro em uma sala de aula sem buscar ativamente a escuta e uma observação atenta daqueles que estão lá. Respeitar suas vivências, histórias e saberes é fundamental na busca por novos conhecimentos.



CULTURA E EDUCAÇÃO

Stela Soares

Para as professoras que ensinam e também aprendem,

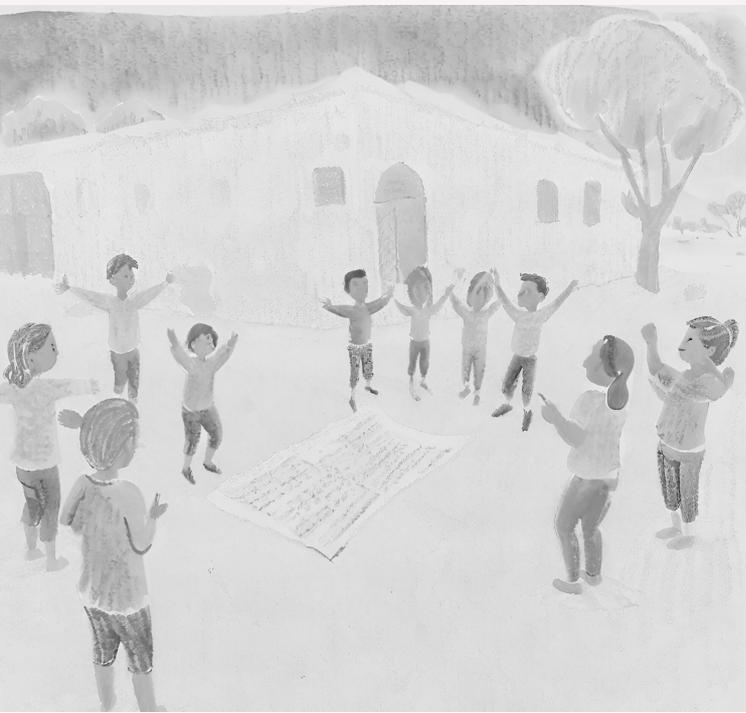
Cada aluno traz em sua bagagem a sua cultura, transmitida por sua família. Essas raízes formam a sua identidade, e observamos que a maneira como a criança se expressa, pensa e age está diretamente ligado ao ensino que recebeu em seu lar. Se uma criança cresceu em um ambiente rural, ouvindo seus pais se comunicarem de uma certa forma, é provável que ela siga essa mesma linha. O mesmo princípio se aplica a uma criança criada por descendentes de italianos, por exemplo. A forma como ela irá falar será um reflexo do que aprendeu. Cabe ao professor não julgar a criança de forma acusatória, dizendo que a maneira como ela se expressa está errada e que ela deve aderir à norma linguística por todos. Afinal, se todos nós falássemos da mesma

forma no Brasil, como saberíamos nos diferenciar uns dos outros? O professor deve ensinar à criança a ler e falar de maneira culta, adequada à sua idade, mas ao mesmo tempo, não deve romper os laços que a conectam com sua cultura.

Freire nos traz uma perspectiva em que crianças das classes populares falavam à sua maneira, como foram ensinadas a falar quando ainda estavam aprendendo, mesmo que houvesse palavras com pronúncias erradas, distorcidas ou faltas de letras. Era assim que elas reproduziam dentro e fora do ambiente escolar. Falar à sua maneira não é um sinal de erro.

Hoje, podemos observar que, seja em cada estado ou até na mesma cidade, as pessoas usam palavras desconhecidas para outras. Por exemplo, o gaúcho, ao demonstrar frustração, usa o termo "bah". Já entre os paulistas, é comum usar o termo "oxi" para expressar surpresa. Isso não significa que haja algo a concordar, mas são essas pequenas palavras que preservam nossa cultura, e é importante valorizá-las.

O mesmo pode ser dito da mesma maneira que uma criança fala. Mesmo que esteja errado, o professor tem o dever de auxiliar o aluno a perceber, de forma espontânea, que a forma como pronunciar certas palavras está incorreta. Livros infantis, vídeos, histórias, tudo o que pode ser ouvido, falado e até assistido servem como um recurso importante



CULTURA E EDUCAÇÃO



para ajudar o aluno. A professora pode, sem parecer inquisidora, chegar gentilmente perto do aluno e dizer: "Você não acha que esta palavra fica mais bem escrita ou dita dessa maneira? Vamos falar ela juntos?" São gestos simples, mas eficazes que ajudam a criança.

Nesse contexto, lembro de um acontecimento semelhante que me fez abordar esse tema de cultura e educação. Durante todo o ano de 2022, trabalhei como cuidadora em uma escola pequena, em uma sala de Pré I. Em um dos dias em que a criança que eu cuidava não veio, fiquei apenas para auxiliar a professora na sala de aula. As crianças, por sua vez, brincavam com brinquedos de plástico. Na minha frente, as meninas brincavam com panelinhas e bonecas. Em determinado momento, uma das crianças, a mais energética e sapeca, virou-se para seus colegas e disse: "Amiga, me passa o açucrero".

A palavra me divertiu, confesso. Tive que tirar instruções do que acabara de ouvir. Pedi para que a menina repetisse o que ela havia pedido à sua colega, e assim ela o fez, de maneira tranquila e espontânea, como se tivesse acabado de dizer a coisa mais natural que se pudesse ouvir. Depois, voltou a brincar com as panelinhas, e eu fiquei pensando.

No início, concluí que, como se tratava de uma criança de quatro anos, era normal errar ao falar certas palavras. Na sala de aula, havia algumas crianças que trocavam o "B" por "T" e o "R" por "L". No entanto, à medida que eu me aprofundava nesse assunto, percebi que a maneira como ela falou, convencida de que estava usando a palavra correta, pode ser a mesma maneira que ouviu seus pais pronunciarem, talvez, durante o café da manhã (ou não). Um deles pode ter pedido que o outro lhe passasse o açucareiro, mas, por algum motivo, a palavra saiu como "açucrero".

A forma como uma criança fala está relacionada à maneira como seus pais a ensinaram, que, por sua vez, está relacionada à forma como foram ensinados. Se os pais tiveram pouco estudo, é normal que haja palavras que não consigam pronunciar corretamente ou que acabem errando. No entanto, isso não é motivo para julgamento ou vergonha. Faz parte da cultura transmitida de geração em geração. O professor não precisa





corrigir todo o vocabulário da criança devido à sua pronúncia. Em vez disso, você pode praticar a linguagem verbal correta por meio de brincadeiras e jogos lúdicos. As crianças vão chegar em casa e contar aos pais, que, por sua vez, perceberão que a palavra que pronunciavam estava quase certa ou modificada, e a partir daí podem começar a dizer corretamente.

CULTURA E EDUCAÇÃO



ENCORAJAR A SI E AOS OUTROS

Jaiane Rocha da Silva

À minha mãe,

Inspirada na “Segunda Carta: não deixe que o medo paralise você”, da obra “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar” (FREIRE, 1997), escrevo esta carta para minha mãe, a pessoa que sempre me motiva a seguir diante das dificuldades que surgem. Tive várias conversas no início da faculdade, nas quais eu me queixei sobre como fazer um trabalho ou compreender um texto. E, falando em dificuldades, o medo de alguma forma se faz presente.

O medo, de acordo com o dicionário, é “um sentimento de inquietação, diante de um perigo real ou imaginário”. Ele nos faz sofrer por antecipação, temendo que não consigamos cumprir algo que sequer tentamos, criando dificuldades antes mesmo de começarmos. Há várias maneiras de

senti-lo, e se nos deixarmos envolver por esse sentimento, ele certamente nos paralisará.

Outro aspecto negativo é a insegurança, que atrapalha muito aqueles que a temem. Pessoas inseguras pensam em agir de outra forma, estão sempre em alerta e inseguras diante das situações que surgem, seja um trabalho a ser realizado ou um texto a ser lido e interpretado, o que já gera perda de sono e o alerta de que algo novo deve ser temido. Isso me faz lembrar das muitas vezes em que fiquei ansiosa durante essa caminhada como estudante, sempre achando que não seria capaz de fazer o que era proposto.

Ser estudante exige estudo e dedicação, e tudo isso deve ser gerenciado de forma que o estudante consiga cumprir prazos e de fato esteja aberto a novas linguagens e olhares. No entanto, nada disso é fácil, pois exige mudanças e adaptações.

O fato é que não devemos fingir que as dificuldades, o medo e a insegurança não existem, mas sim enfrentá-los para que não nos levem a desistir ou nos paralisem. Muitas vezes, a desistência acontece pelo medo de tentar, de não saber fazer algo que nos é desafiado. Portanto, é importante identificar por que sentimos medo e encontrar a melhor maneira de nos sentirmos seguros ao lidar com essas situações. Por exemplo, podemos dizer a nós mesmos que, embora possamos não estar preparados hoje, podemos buscar



ENCORAJAR A SI E AOS OUTROS



as informações e o conhecimento necessários para nos sentirmos seguros ao realizá-las.

Se refletirmos, tudo isso está relacionado à nossa capacidade de nos sentirmos capazes ou não de enfrentar as situações e tarefas. Devemos buscar compreender como lidar com nossas limitações e, quando necessário, buscar ajuda. Além disso, podemos recorrer a outras fontes de conhecimento para tornar o aprendizado mais gradual.

Não podemos esquecer que, como estudantes ou professores, precisamos estar em constante busca de conhecimento. Dessa forma, nos acostumamos com o processo de aprendizado, tornando o estudo algo natural e não uma carga pesada que nos causa insegurança ou medo. Isso acontece porque já estamos à vontade com o processo.

Outro fator importante a ser considerado é buscarmos disciplina e concentração em nossas leituras. Estar presente física e mentalmente enquanto lemos é essencial para um entendimento real, um envolvimento que nos permita discutir, criticar, melhorar e reinventar o que está sendo lido e estudado. Ao aprendermos, adquirimos conhecimento e não apenas o memorizamos como algo passageiro. É fundamental que façamos esse tipo de exercício com nossos futuros alunos, incentivando e estimulando sua curiosidade para que se tornem produtores. Não esquecendo que é necessário construir um significado histórico social ao que se trabalha com os alunos. Sem esquecermos de, ao fazermos uma leitura, procurarmos buscar a relação com outros saberes também.

Encerro esta carta reforçando a importância de nós, estudantes e futuros professores, estarmos sempre em busca de novos saberes e conhecimentos, de modo que o aprendizado e o enfrentamento de novos desafios estejam presentes em nossa caminhada de forma natural. Acredito que com isso o medo paralisante não terá espaço, uma vez que estaremos habituados a lidar com situações desafiadoras no dia a dia. E quando nos depararmos com o desconhecido, que cada um de nós lembre de começar por buscar informações, explorando maneiras de adquirir conhecimento. Lembrando





sempre, ainda, de encorajar e estimular nossos alunos a se envolverem na leitura e na crítica tornando-se, assim, futuros produtores.

ENCORAJAR A SI E AOS OUTROS



RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR

Laura da Silveira Silveira

Esta carta destina-se a todos e, principalmente, a mim,

A todos que de alguma forma se questionam sobre os desafios de ser professor, mas também do quanto é difícil ser aluno. Estar dos dois lados e entender que a vida e as escolhas se tornam consequências de pequenas e incessantes atos, e que a educação pode ser uma mudança. E, obviamente, sabemos que mudanças trazem medos.

No livro "Professora sim, tia não", de Paulo Freire (1997), a carta que descreve o quanto o medo pode dominar a mente e fazer com que o nosso imaginário traga pensamentos e convicções sobre determinadas situações e assuntos, impondo dificuldades, obstáculos e receitas para conflitos que são gerados somente em nossos pensamentos, é vital para a nossa reflexão.

A insegurança ao adentrar na sala de aula e o medo de não ser um profissional suficiente para os alunos, bem como de não cumprir as expectativas que são investidas no professor, que necessita de uma posição e, ainda, de autoridade dentro da sala de aula. Irei comentar sobre outra carta que li: "Da relação entre educadora e educando". Nesta parte do livro, pensei e repensei sobre a importância das relações para estabelecer um vínculo com o aluno e do quanto o posicionamento e o entendimento do professor pode de fato "respingar" na aprendizagem daquele ser. Também considerei as relações, pois a conexão entre pessoas gera troca de aprendizado com mais facilidade. Sabemos que devemos manter o professor no papel de professor e o aluno no de aluno para não ultrapassar essa barreira. A conexão entre essas duas cartas me faz questionar o quanto o medo e a maneira que o professor se posiciona pode afetar gradativamente a aprendizagem.

Os sentimentos que nos movem são os mesmos que nos paralisam. Todo início é de aprendizado. Por isso, "quando eu apreendo a compreensão do objeto em lugar de memorizar o perfil do conceito do objeto, eu conheço o objeto, eu produzo o conhecimento do objeto." (FREIRE, 1997, p. 30).



RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR



O medo do difícil, na verdade, o sentimento de acreditar e de conhecer torna o aprendizado mais fácil e a sensação de capacidade mais eficaz. O medo de não entender, o medo dos desafios e o medo da prática, como é relatado em algumas partes do livro, caminham lado a lado com o início da docência, e assim como existe o medo, existe a capacidade de resposta e de ação, o que nos leva a enfrentar tudo que nos paralisa. Nesse sentido, "um dos erros mais funestos que podemos cometer, enquanto estudamos, como alunos ou professores, é recuar em face do primeiro obstáculo com que nos defrontamos." (FREIRE, 1997, p. 28). Com isso, podemos entender que é necessário enfrentar para não estagnar. Para ser professor, é necessário coragem para enfrentar os obstáculos e, ainda mais coragem para compreender os alunos, seus medos e limites. Dessa forma, é possível criar uma relação aluno-professor na qual a experiência e vivência de ambos são depositadas, tornando o processo educacional mais significativo, repleto de propostas possíveis para ampliar novas possibilidades para todos.



RELAÇÕES COM OS ESTUDANTES

Jordana Montanha Pedroso

Aos estudantes, com respeito e amor,

Vivemos em uma sociedade em que os julgamentos sobre a educação estão sempre em pauta. Vindo de leigos sobre o assunto, ouvimos ou lemos pensamentos como: “Na educação infantil, as crianças só brincam”, “um bom professor é aquele difícil de passar”, “professor não tem nada a ver com a família dos estudantes”. Enfim, são críticas ditas por pessoas que não compreendem a imensa responsabilidade que é ser profissional da educação. No entanto, também há professores com o mesmo problema, que não compreendem ou fogem de suas responsabilidades.

Dentre as responsabilidades que envolvem atualizações e organização com planejamentos, a relação com os estudantes é de suma importância para que a aprendizagem ocorra de maneira consciente e eficaz. Com isso, a paciência e o respeito são essenciais para uma convivência saudável, seja com crianças pequenas na educação infantil até a educação de jovens e adultos.

Falamos e debatemos sobre a importância de conhecer a realidade do aluno, mas não discutimos o que fazer após adquirir esse conhecimento. Refletimos? Mudamos nossas estratégias? São perguntas que também moldam a relação com os estudantes, pois de nada vale conhecer a realidade dos sujeitos se não conseguimos contribuir para a melhoria deles, se não fornecermos momentos e espaços adequados para promover mudanças e evolução.

Além do mais, os recursos que utilizamos para possibilitar os momentos de aprendizagem e troca estão interligados com a política, pois dependem de verbas escolares e da estrutura física. Muitas vezes, os estudantes estão com fome, inclusive. Portanto, para iniciar uma relação saudável e respeitosa, as condições para isso devem ser desenvolvidas, dentro do possível, porque estudantes com fome, em espaços deteriorados e com professores autoritários, não têm incentivo para estar naquele lugar.



RELAÇÕES COM OS ESTUDANTES



Além desses aspectos de estrutura física, recursos e sociais, uma peça fundamental para iniciar a relação de confiança é a professora. Os estudantes podem estar mais receosos em se abrir a uma pessoa, que até certo momento, é desconhecida. Logo, as dinâmicas de acolhimento são aliadas para possibilitar uma conversa descontraída. No entanto, é preciso que o profissional esteja disposto a ouvir mais do que a falar, a procurar ajudar sem ser evasivo. Para que isso seja algo natural e duradouro, é necessário que seja verdadeiro, que haja amor e preocupação com os sujeitos. Se for apenas uma estratégia para conquistar os estudantes com o objetivo de chegar a um conteúdo, pode não ter sucesso, pois não passará de uma farsa. Afinal, o amor e a vontade de desejar o bem das vidas com as quais se está trabalhando vai além dos conteúdos e dos muros da escola. Trata-se de confiança para construir um caminho de aprendizagem contínua.

As relações com os estudantes são essenciais para mudar a ideia de que a escola é apenas um local para focar em conteúdos, sem espaço para opinar, refletir e criticar. Também é importante desafiar a visão da professora como alguém superior. Por fim, uma relação saudável com os sujeitos transforma a escola em um espaço acolhedor, onde angústias e medos podem ser compartilhados e ouvidos. Assim, as aprendizagens, por meio da troca, adquirem significado e sentido, fazendo com que os estudantes se sintam pertencentes ao espaço.



REVELAR SER GENTE

Kerulen Lima da Cunha

Para todos os acadêmicos de Pedagogia,

Baseio-me para escrever esta carta no livro de Paulo Freire, chamado "Professora sim, tia não". Para todos os acadêmicos de Pedagogia que, assim como eu, terão o seu primeiro dia como educador e poderão sentir as emoções do primeiro dia: insegurança, medo e, muitas vezes, o receio de não ser portador de todas as respostas para cada pergunta feita.

Numa situação como esta, o discurso de uma falsa segurança talvez não seja a melhor opção no primeiro dia de aula. Assim como o educador, muitos educandos estão apreensivos e com medo, principalmente na Educação Infantil. Nesta etapa, muitos estão pela primeira vez deixando sua casa e seus pais para pisar em um mundo "estranho".

Assim como nós, que saímos das salas da universidade para vivenciar na prática aquilo que aprendemos na teoria, somos educadores e educandos compartilhando um mesmo sentimento: o recebimento de estar em uma posição que não estamos habituados.

Ao saber disso, é melhor expor as inseguranças aos educandos, mostrando-lhes que também somos humanos, limitados e vulneráveis, que todos temos o direito ao "medo". O educador não é um ser invulnerável. Como diz Paulo Freire, é tão gente, tão sentimentos e emoções quanto o educando.

Expondo o seu medo e insegurança, o educador faz uma espécie de catarse necessária ao controle do medo e ganha a confiança de seus educandos. Ao contrário de esconder o medo, assumindo uma postura autoritária facilmente reconhecível pelos educandos. O professor, ao manifestar-se com humildade e demonstrar seus sentimentos perante os educandos, revela ser gente. Isso cria uma conexão que possibilita as interações.



COMPROMETIMENTO COM O ENSINAR

Natalia Veiga Navarrina

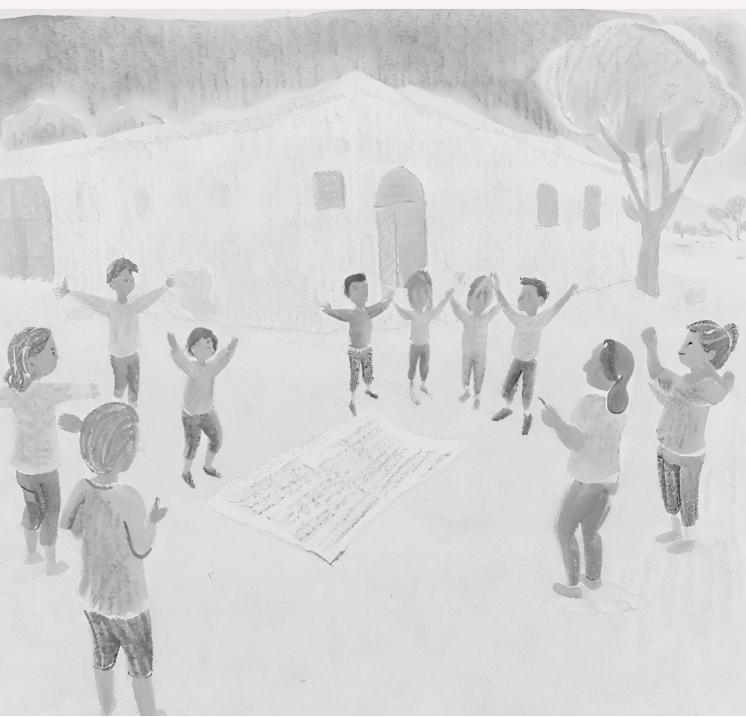
Dedico esta carta e estas palavras a todos que estão comprometidos com o processo de “ensinar”,

Após me identificar com a Primeira Carta: Ensinar – aprender Leitura do mundo – leitura da palavra, a qual pertence ao livro “Professora sim, tia não”, de autoria do Paulo Freire, eu, Natalia, dedico esta carta e estas palavras a todos que estão comprometidos com o processo de “ensinar”.

Todo aquele que se encontra apto para ensinar de certa forma precisa estar disposto a aprender. Existem várias maneiras de desenvolver esse processo, e ele pode ocorrer por diferentes vertentes, principalmente quando envolve a educação, seja entre professor e aluno, aluno e professor, ou professor e conteúdo. É preciso aguçar os sentidos, ser curioso e estar disposto a aprender e ensinar.

É preciso parar e refletir sobre essa figura tão importante que é o ensinante. Geralmente, alguns educadores possuem uma espécie de agenda onde estão preparadas todas as suas aulas, mais precisamente um plano de aula que descreve direitinho tudo o que trabalhará em sala. Muitos professores ainda estão presos nos velhos métodos de ensino, principalmente quando se trata da maneira que irão ensinar. Em alguns casos, o método utilizado nunca muda, mesmo que alguns estudantes demonstrem certas dificuldades em aprender. Esse processo sempre ocorre da mesma forma.

Por coisas assim, me peguei a pensar: será que um bom ensinante não deve saber escutar os seus alunos, parar um pouco e compensar? Será que esse é o caminho certo? Os métodos utilizados estão dando resultados? Não é hora de buscar novas direções, se necessário, e estar disposto a encontrar a melhor maneira de ensinar o conteúdo o qual possui conhecimento? Para mim, essas reflexões constroem um excelente profissional e contribuem muito para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno.



COMPROMETIMENTO COM O ENSINAR



A palavra "estudar" é uma das principais tarefas para quem está se preparando para o ato de ensinar. Sendo assim, requer por parte do aprendiz, foco, dedicação, persistência e, o principal de todos, vontade de aprender o novo, de ir em busca dos saberes que o mundo e as palavras podem oferecer.

Uma dica para os iniciantes é que você precisa sempre buscar novos conhecimentos através da leitura de documentos, textos, livros e outros materiais. Gostaria também de ressaltar aquelas pessoas que começam suas leituras e, por algum motivo, acabam desistindo. Isso pode acontecer pelo fato de não compreenderem a escrita do autor ou por acharem que o texto é muito difícil para si mesmas, e não se acharem capazes de realizar a interpretação. Sim, vocês são capazes de realizar leituras, interpretar textos, buscar novos saberes, e nunca, sob hipótese alguma, se achem inferiores a ninguém. E muito menos deixem dizer a vocês que não possuem capacidade suficiente para realizar essa tarefa. Cada um tem o seu ritmo de aprendizagem, e é preciso encontrar o seu também, a melhor forma de compreensão. Precisamos pensar que, se o livro e as palavras estão ali, é porque sim, elas podem ser compreendidas. E praticar a leitura é muito importante nesses casos, principalmente para a realização de escritas, pois, de certa forma, ninguém desenvolve a escrita sem ler.

Gostaria de finalizar dizendo que estudar, aprender e ensinar são palavras que se completam de alguma forma. Um processo acaba levando ao outro. Estudamos para aprender, descobrir diferentes caminhos, para que, de certa forma, possamos encontrar prontos para ensinar nossas descobertas. Tenham sempre em mente que durante a caminhada de ensinamento, coisas novas irão surgir, e por que não experimentar novos saberes?



QUE TAL PENSAR EM ESTRATÉGIAS?

Tainara Susara Fagundes Barcellos Pinto

Querido(a) colega,

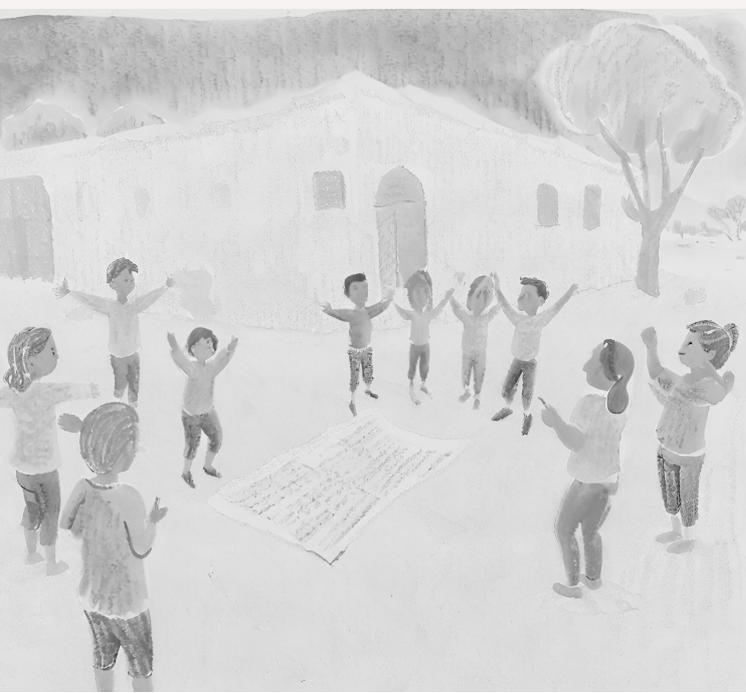
A carta que escolhi fala sobre dificuldades, coisas difíceis, e me fez pensar em coisas que eu acreditei que eram difíceis e hoje as realizo com maior facilidade. Todas essas coisas precisam ser aprendidas, assim como a leitura.

Lembro-me muito bem do primeiro dia em que fui andar de carro na autoescola. Era necessário apertar a embreagem, empurrar o acelerador, trocar de marcha, cuidar do trânsito, muitas tarefas de uma vez só. Mas com o tempo, fui me aperfeiçoando, e hoje faço isso "quase" de olhos fechados. Assim são os outros aprendizados que tivemos na vida. O primeiro passo sempre é mais complicado, e não entendo por que mesmo assim ainda surge o medo, o tal receio de iniciar.

Isso também serve academicamente. Eu, como acadêmica, falo da dificuldade de escrever e ler textos. Mas, como já mencionei, é tudo uma questão de prática, algo que temos que exercitar ao longo da vida. Há muitos textos da faculdade nos quais ainda não consigo entender uma palavra qualquer. No entanto, como o texto menciona, tenho o hábito de ter o dicionário sempre ao meu lado para dar uma revisada em cada palavra, mesmo admitindo que estou bem melhor do que fui desde o primeiro dia que cheguei à universidade.

A partir disso, entro no quesito das dificuldades dos textos acadêmicos. Recordo-me da primeira vez que me entregaram um texto; realmente pensei: não entendi nada, isso é grego? As professoras responderam que com o tempo os textos ficaram mais simples. Sinceramente, estou no 7º semestre e os textos ainda têm lá suas dificuldades.

Além disso, é importante afirmar o quanto uma leitura que temos interesse desperta mais nossa vontade de ler, mas nem sempre isso acontece. Às vezes, como diz a carta, e eu tenho que concordar, a prática leva à perfeição. Não que a carta diga isso, mas é mais ou menos assim. Dependendo do texto, nem sempre vamos achar interessante, mas é a maneira que escolhemos ler e escrever



QUE TAL PENSAR EM ESTRATÉGIAS?



sobre ele que revela mais sobre nossa prática. Nem sempre a prática de um colega X de escrever e anotar tudo que acha importante vai dar certo. O colega Y pode apenas marcar em destaque as partes que achou interessante e, a partir disso, ler o que chamou atenção, entre outras maneiras de compreender, ler e escrever.

Para finalizar, lembro de como me critico por ter dificuldade de escrever. Mas refletindo sobre esta carta, talvez não seja uma dificuldade de escrever, e sim a maneira como encontrei de escrever e ler os textos que leio. Na faculdade, não somos ensinados a como ler um texto ou a como escrever a partir das nossas palavras. A maneira que funciona melhor para você aprender é que seria a "correta". Que tal não pensarmos mais na dificuldade de escrever e ler, mas sim pensar em estratégias que fazem mais sentido para compreender a sua leitura?



UMA PANDEMIA NO CAMINHO

Aline Fernandes

Queridas colegas e professoras da Residência Pedagógica,

Esta carta foi escrita com base na segunda carta do livro "Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar" (Freire, 1997), que tem o título "Não deixe que o medo do difícil paralise você".

Escrevo esta carta para meus colegas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), unidade universitária em Bagé, que ingressaram comigo no curso no ano de 2020. Quando fomos impactados por uma pandemia (Covid-19), recém tínhamos iniciado no curso e tivemos que nos adaptar a um novo método de ensino, uma vez que as aulas presenciais passaram a ser remotas. Isso era uma novidade para nós, e enfrentamos momentos de medo, angústia e incertezas.

Acredito que o melhor ponto de partida seja considerar a questão da dificuldade, a questão do difícil, em relação à qual o medo nos paralisa. Todos nós enfrentamos, em um primeiro momento, dificuldades para nos mantermos no curso. A questão do difícil nos acompanha diariamente. Se não foi uma experiência universal para todos da turma, podemos dizer que a maioria dos estudantes tinha algum medo ou receio de enfrentar o que tínhamos pela frente. Medo de não compreender um texto acadêmico, medo de não superar as dificuldades que surgiriam.

O "medo", como define o dicionário Aurélio, é um "sentimento de inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário". Medo de enfrentar a tempestade, medo de ingressar na vida acadêmica e de não conseguir acompanhar, de não entender a tecnologia, de não saber acessar as plataformas digitais (Moodle, Portal do aluno, Meet, entre outros). Esse receio muitas vezes nos angustiava. Com o tempo, nos conhecemos melhor e perdemos aquele medo que, por diversas vezes, nos preocupava.

Finalizo esta carta dizendo que diante de qualquer medo, independente do que seja, devemos ter pensamentos positivos e tentar vencê-los com muito estudo, garra e determinação. Não podemos permitir que o



UMA PANDEMIA NO CAMINHO



medo nos paralise facilmente e nos faça desistir de enfrentar qualquer situação. Hoje somos estudantes e futuros professores, e devemos superar qualquer dificuldade que surja. Existem medos que nos perseguem e nos bloqueiam de fazer inúmeras coisas que desejamos realizar, mas precisamos enfrentá-los, pois ao enfrentar as dificuldades, nos tornamos vencedores.



É PRECISO TER CONFIANÇA EM SI

Michele Leite

Para ti, que só te tornarás professora na prática

Toda vez que uma turma de Pedagogia se inicia, são novos sonhos a serem realizados. Cada estudante que entra na Universidade chega com tantas dúvidas e certezas. Dúvidas sobre o futuro e sobre como começar esse curso que desacomoda. E sim, certezas. E eu explico o porquê de dizer-lhes isso.

Todo o aporte teórico a que um acadêmico tem acesso o torna cheio de anseios por mudar a educação. É um momento mágico, lúdico e sonhador que todos nós um dia passamos ou passaremos. E essa magia se amplifica quando chegam os estágios, porque chega a hora de colocar em prática aquilo que foi estudado, de comprovar que é preciso renovação nas escolas.

Sim, queridos futuros professores, é nesse instante que podemos saber com qual nível da educação mais nos identificamos. E sonhamos com o dia em que a turma será só nossa. Mas, vou contar que é no estágio que a magia acontece, porque quando a turma é nossa mesmo, por mais que tenhamos capacidade intelectual para fazermos um trabalho excelente, por mais que saibamos de várias teorias da educação, sempre haverá algo que nos puxa de volta para a realidade.

Quando eu cursava Pedagogia na Uergs, na segunda turma, Piaget e Vygotsky eram os teóricos mais lembrados. Construtivismo e Sociointeracionismo era o que tinha de mais moderno como prática pedagógica. E hoje, vocês bem sabem que essas metodologias são vistas como ultrapassadas, portanto, posso dizer que minha formação é considerada antiquada.

O que eu quero dizer com isso? Simples. Quero dizer-lhes que vocês não estarão prontas nunca. Não é a formatura que as torna professoras. Nem mesmo os estágios pelos quais vocês participam do cotidiano das escolas que escolhem. Nem é observando (e às vezes encontrando erros) a prática das professoras regentes da turma. Sempre será necessário estudar, cada dia, cada ano. A prática de vocês na educação precisa estar permeada da inquietação e



É PRECISO TER CONFIANÇA EM SI



da confiança em vocês como profissionais. Estudem sempre, renovem os aprendizados, confiem no potencial de vocês e entendam que dentro de uma escola todos são colegas e por isso é preciso tomar cuidado com as competições.

Por que eu falo isso? Porque eu trabalhei quase 10 anos na educação infantil e quando comecei achava que não seria capaz de fazer nada, pois minha formação era só em anos iniciais (crianças, jovens e adultos). No entanto, fui estudando, recebendo apoio da antiga gestão da escola, aprendendo sobre metodologias pedagógicas, não me preendi a teóricos e sempre disse que minha prática era uma colcha de retalhos, pois eu via que devia pensar nos meus alunos. Fiz duas especializações em que eu pesquisei sobre os portfólios e sobre os pareceres descritivos. Criei minhas formas de observação para a escrita da documentação pedagógica e busquei aperfeiçoar meu trabalho. Mas, isso não garante a permanência e fui transferida de escola.

A educação infantil me mostrou uma forma diferente de enxergar as crianças, de amenizar meus medos como professora. Enquanto eu estudava e atendia meus alunos eu me formava. E nunca, em nenhum momento me vi pronta. Nós nunca estamos. Vocês nunca estarão. Não se enganem.

Lá na escola é tudo tão diferente do que sonhamos na graduação e como eu disse é preciso ter confiança em si, porque a cobrança sempre vem. O medo de não conseguir fazer um bom trabalho nos assusta.

E, para terminar, me despeço dizendo que sim, a educação deve ser feita por amor. Mas, nunca esqueçam de serem profissionais e humanos.



ETERNOS APRENDIZES

Vanessa de Deus

Carta aos meus queridos futuros colegas professores,

Enquanto escrevo esta carta, várias memórias surgem da minha trajetória desde a universidade, quando entrei na UERGS grávida de oito meses da minha filha Alice, que veio a nascer alguns dias depois que comecei as aulas de Pedagogia, até me tornar Professora. Acredito que minha jornada seja semelhante à maioria das histórias de vocês.

Lembro dos meus dias e noites dentro da universidade, trocando ideias, compartilhando aprendizagens e ampliando meu mundo. No decorrer do curso, comecei a moldar o que hoje eu seria como profissional. Entrei pensando de uma forma e, quando me formei, era outra pessoa. Lembro das minhas preocupações na época

e de quantas vezes pensei em desistir. Acredito que o "pensar em desistir" faz parte do nosso processo de construção como ser humano, e passei por esses momentos. Hoje estou aqui, fazendo o que amo.

Pensei em escrever esta carta para compartilhar com vocês a minha caminhada como professora e para que compreendam que o processo é difícil, mas o tempo vai mostrar o quanto tudo foi necessário.

Acredito que alguns futuros colegas que estão lendo esta carta creem que, quando terminarem esses quatro anos de estudos e se formarem professores, terão aprendido tudo. Queridos, sinto informar, mas somos eternos aprendizes e pesquisadores.

Ser professor é um trabalho importante, pois ensinamos nossos alunos a lerem e interpretarem o mundo. Por isso, orgulhem-se do que escolheram como profissão.

Quando aceitei o desafio de trabalhar como Supervisora, não sabia de todos os desafios que enfrentaria para trazer encantamento aos nossos colegas professores que, em alguns momentos, encontram-se desanimados, tristes ou com sentimento de impotência diante de algumas situações. Acreditava que minhas maiores preocupações seriam a organização da documentação pedagógica (diários de classe, planejamentos e conhecer sobre as metodologias e estar sempre disposta a



ETERNOS APRENDIZES

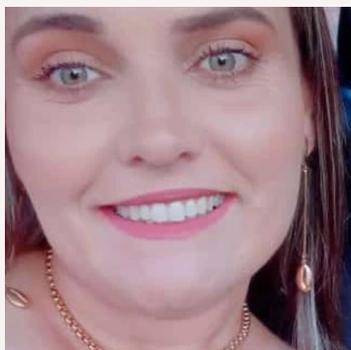


aprender). Hoje compreendo que envolve uma responsabilidade maior, além do que está no papel, requer que sejamos o abraço acolhedor, buscando e auxiliando os professores nos caminhos a serem tomados na construção da identidade pedagógica da escola.

Escrevo esta carta para vocês, queridos futuros colegas, para que compreendam que a profissão que escolhemos nem sempre tem o glamour que merecemos, mas que a nossa profissão é motivo de orgulho, e que ser professor nos proporcionará momentos únicos de troca, que nenhuma outra profissão ofereceria. Hoje formada, não me arrependo de nenhum dia da profissão que escolhi. Para encerrar esta carta, deixo uma frase de Maria Montessori que utilizo em minha vida: "Tudo que te dou passou pelo meu coração", que nos diz para sempre oferecermos o nosso melhor a todos.



AUTORAS (BOLSISTAS RESIDENTES)



ALINE FERNANDES

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

E-mail: aline-fernandes@uergs.edu.br



ANA JÚLIA CANEDA DA ROSA

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

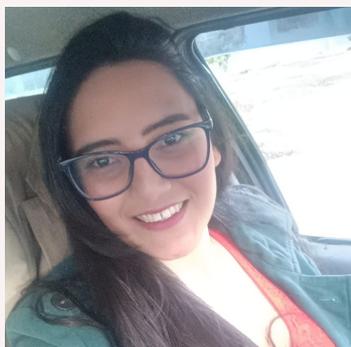
E-mail: ana-rosa01@uergs.edu.br



ANNE SUZIELE RODRIGUES CARNEIRO

Pedagoga pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Atuou como bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES). Integrante do GPEIE-LinLe - Grupo de Pesquisa e Estudos Integrados à Educação: Linguagens e Letramentos (Uergs/CNPq).

E-mail: carneiroanne18@gmail.com



BRUNNA LIRA BUENO SILVA

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

Email: brunna.lirabsilva@gmail.com



JAIANE ROCHA DA SILVA

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

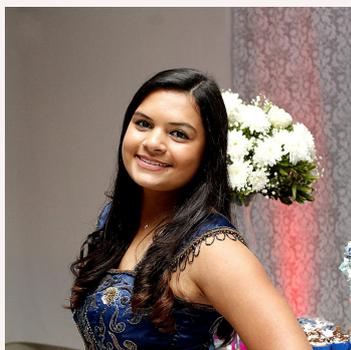
E-mail: jaiane-silva@uergs.edu.br



JÉSSICA ACOSTA

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

E-mail: jessica-borges@uergs.edu.br



JORDANA MONTANHA PEDROSO

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Atuou como bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

E-mail: jordana-pedroso@uergs.edu.br



KERULEN LIMA DA CUNHA

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

E-mail: kerulen-cunha@uergs.edu.br



LAURA DA SILVEIRA SILVEIRA

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Foi bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

E-mail: laura-silveira@uergs.edu.br



NATALIA VEIGA NAVARRINA

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

E-mail: natalia-navarrina@uergs.edu.br



RENATA PIRES PORCIUNCULA

Pedagoga, formada pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Atuou como bolsista do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES). Membro do Grupo de Pesquisa e Estudos Integrados à Educação: Linguagens e Letramentos (GPEI-Linle/Uergs/CNPq).

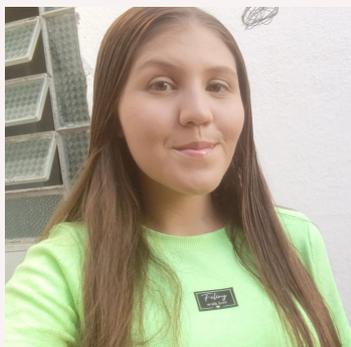
E-mail: porciuncularenata331@gmail.com



ROSELI MENDES

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

E-mail: roseli-mendes@uergs.edu.br



STELA SOARES

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), unidade universitária em Bagé. Bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

E-mail: stela-campos@uergs.edu.br



SUÉLEN DAIANE KATHAMOKYA DA SILVA

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

E-mail: suelen-silva01@uergs.edu.br



TAINARA SUSARA FAGUNDES BARCELLOS PINTO

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), unidade universitária em Bagé. Foi bolsista residente do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).

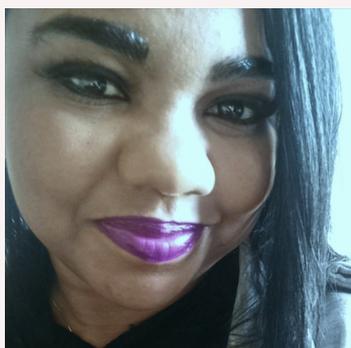
E-mail: tainara-pinto@uergs.edu.br

AUTORAS (PRECEPTORAS E DOCENTE ORIENTADORA)



MICHELE LEITE

Licenciada em Pedagogia (Uergs) e em Letras (Unipampa). Especialista em Formação Docente na Educação Infantil (FAEL) e em Educação Infantil: currículos e práticas inovadoras (Uergs). Professora da rede municipal de educação de Bagé e da rede estadual do Rio Grande do Sul. Atuou como preceptora do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).
E-mail: mih.rgs@gmail.com



VANESSA DE DEUS

Formada em Pedagogia, com especialização em Formação e Currículo Docente. Supervisora da rede municipal de educação de Bagé. Preceptora do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).
E-mail: nessadepaula16@gmail.com



VIVIANE CASTRO CAMOZZATO

Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Coordena o Grupo de Pesquisa DESLOGOGIAS. Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade. Docente orientadora do Programa de Residência Pedagógica (Uergs/CAPES).
E-mail: vicamozzato@gmail.com

Tenho certeza de que um dos saberes indispensáveis à luta das professoras e professores é o saber que devem forjar neles, que devemos forjar em nós próprios, da dignidade e da importância de nossa tarefa. Sem esta convicção, entramos quase vencidos na luta por nosso salário e contra o desrespeito. Obviamente, reconhecer a importância de nossa tarefa não significa pensar que ela é a mais importante entre todas. Significa reconhecer que ela é fundamental. Algo mais: indispensável à vida social.

Paulo Freire, em **Professora sim, tia não**

